

The background of the slide is a light beige color with a pattern of thin, wavy, brown lines that resemble topographic map contour lines. A large, bold, brown number '3' is positioned on the left side of the slide, partially overlapping a horizontal grey band.

3

CONTEXTUALIZAÇÃO

CONTEXTUALIZAÇÃO DA REGIÃO

Figura 9: Mapa esquemático Santa Catarina.
Fonte: IBGE. Modificado pela autora (2018).

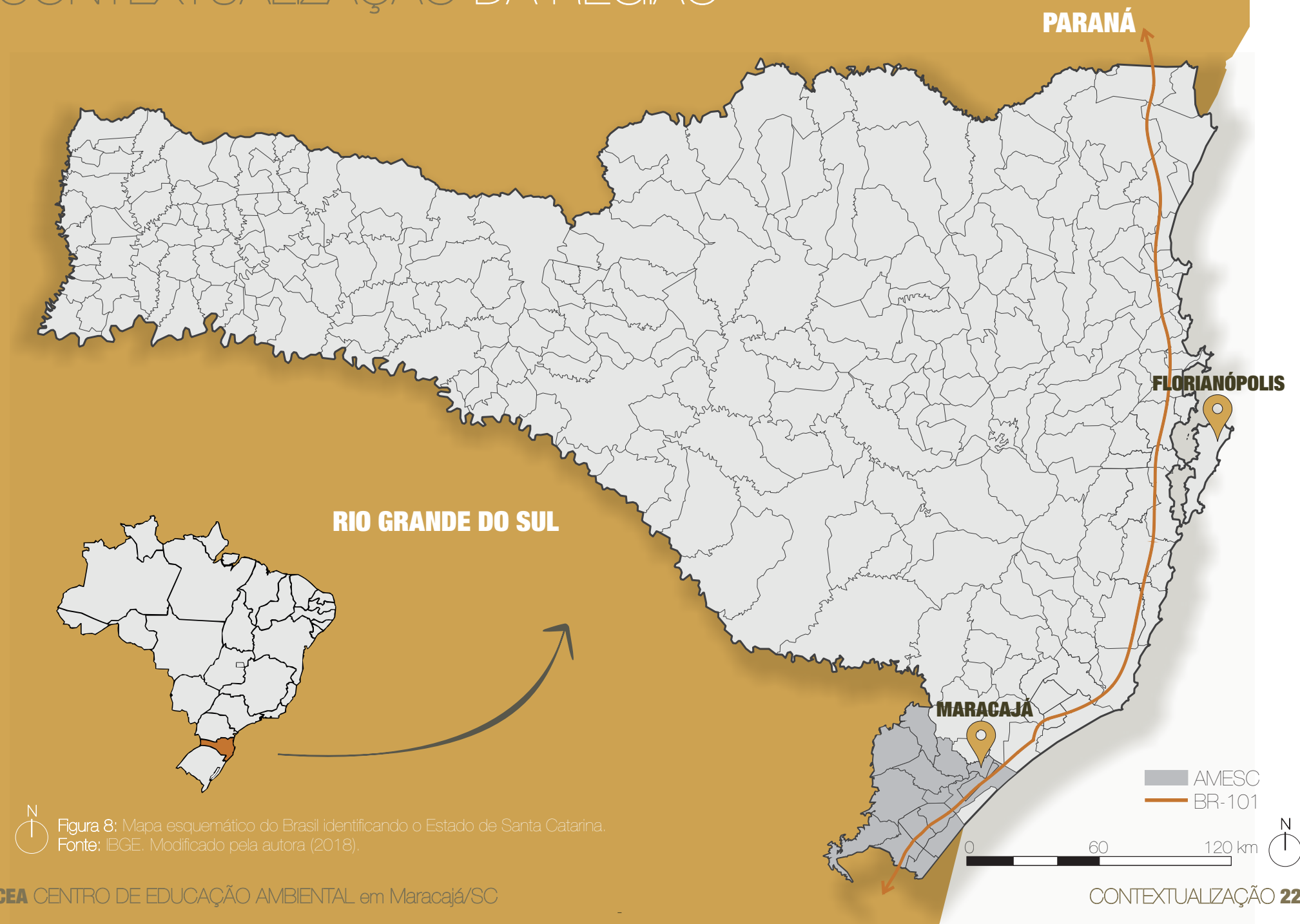


Figura 8: Mapa esquemático do Brasil identificando o Estado de Santa Catarina.
Fonte: IBGE. Modificado pela autora (2018).

CONTEXTUALIZAÇÃO DA REGIÃO

CARACTERIZAÇÃO DO BIOMÃ

Segundo o IBGE, bioma é um conjunto de vida - vegetal e animal - constituído pelo agrupamento de tipos de vegetação contíguos e identificáveis em escala regional, com condições geoclimáticas similares e história compartilhada de mudanças, resultando em uma diversidade biológica própria.

No Brasil, com a disseminação do conceito de biodiversidade e visando ressaltar a riqueza biológica e genética, os biomas têm estado sempre associados ao conceito de conservação ambiental.

Dentro dos nossos biomas-chave, a Mata Atlântica apresenta 7% de mata remanescente, o cerrado 20% e a floresta amazônica detém 80% do seu bioma, entretanto, apresenta um índice de 92% de aumento no desmatamento.

CONCEITOS:

FAUNA

É o termo coletivo para a vida animal de uma determinada região ou de um período de tempo.

FLORA

É o conjunto de espécies vegetais (plantas, árvores, etc.) de uma determinada região ou ecossistema específico.

HIDROGRAFIA

Hidrografia designa os sistemas naturais de drenagem de água proveniente das chuvas; são compostos de canais conectados entre si.

BACIA HIDROGRÁFICA

Bacia Hidrográfica é a área ou região de drenagem de um rio principal e seus afluentes. É a porção do espaço em que as águas das chuvas, das montanhas, subterrâneas ou de outros rios escoam em direção a um determinado curso d'água, abastecendo-o.

RELEVO

O relevo é a parte superficial da litosfera (camada sólida da Terra). É onde as transformações geológicas se expressam mais nitidamente, ou seja, é o conjunto de formas físicas que compõem a superfície da Terra.

CLIMA

É o conjunto de fenômenos associados às variações do tempo da atmosfera terrestre em um determinado local.

GEOLOGIA

Geologia é o estudo da crosta terrestre, a matéria que a compõe, seu mecanismo de formação, as alterações que ocorre desde sua origem e a estrutura que sua superfície possui atualmente.

CONTEXTUALIZAÇÃO DA REGIÃO

CARACTERIZAÇÃO DO BIOMÂ DA BACIA HIDROGRÁFICA DO RIO ARARANGUÁ - BHRA

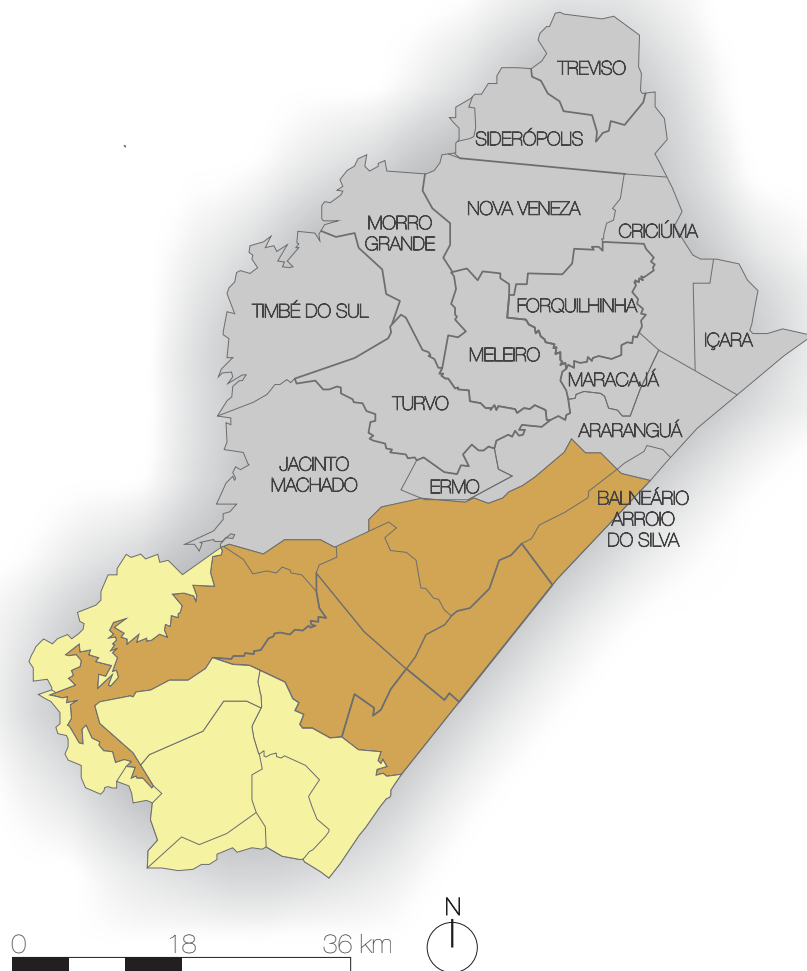


Figura 10: Mapa Bacias Hidrográficas do Rio Araranguá e Rio Mampituba
Fonte: Maurício Pamplona. Modificado pela autora (2018)

- Bairro Hidrográfica do Rio Araranguá - Santa Catarina
- Bacia Hidrográfica do Rio Mampituba - Santa Catarina
- Bacia Hidrográfica do Rio Mampituba - Rio Grande do Sul

FAUNA E FLORA

Inserida no bioma Mata Atlântica, região fito ecológica da Floresta Ombrófila Densa ou Floresta Pluvial Tropical. A Floresta Ombrófila Densa é uma mata perenifólia, ou seja, com folhas perenes, sempre verdes e com mecanismos adaptados para resistir tanto a períodos de calor extremo, quanto para evitar umedecimento (Plano Municipal de Saneamento Básico, 2011).

HIDROGRAFIA

Pertence à Região Hidrográfica do Extremo Sul Catarinense - RH 10, que é formada pela Bacias Hidrográficas dos rios Araranguá, Urussanga e Mampituba. Dentre estas bacias, Maracá insere-se na bacia do Rio Araranguá, sendo composto por quatro micro bacias, que são: Rio do Cedro, Rio dos Porcos, Rio Araranguá e Rio Mãe Luzia. O principal rio de Maracá é o Rio Mãe Luzia.

BACIA HIDROGRÁFICA DO RIO ARARANGUÁ

Os principais rios desta bacia, além do rio Araranguá, são: Mãe Luzia, Itoupava, dos Porcos, Amola Faca, Jundiá, Cachorrinho, Engenho Velho, Figueira, Rocinha, Manoel Alves, Sanga do Coqueiro, Turvo, Sangão, Fiorita e São Bento. O rio Araranguá possui suas nascentes localizadas na Serra Geral e deságua no oceano Atlântico, com comprimento de todos os cursos hídricos somados totalizando 5.916 quilômetros e vazão média de 40m³/s. A área total da bacia é de aproximadamente 3.089 km².

Com relação às suas atividades econômicas, a bacia caracteriza-se por um norte industrial e um sul mais agrícola. O uso da água encara um conflito em relação a disponibilidade hídrica versus qualidade. Embora trate-se de uma região com alta pluviosidade, tem-se uma intensa demanda de água por parte da agricultura, com destaque para as áreas de cultivo de arroz.

CONTEXTUALIZAÇÃO DA REGIÃO

CARACTERIZAÇÃO DO BIOMÂ DA BACIA HIDROGRÁFICA DO RIO ARARANGUÁ - BHRA

RELEVO

Em sua maior parte, o relevo é plano e suave ondulado, compondo-se de extensas regiões de várzeas, com algumas elevações esparsas. Destas, a mais importante é o Morro de Maracajá, que se localiza próximo ao centro urbano.

CLIMA

Segundo a classificação Köppen, é classificado como Cfa, subtropical - mesotérmico e úmido, com verão quente e chuvas de fortes concentrações em curtos períodos de tempo no verão. De acordo com o IBGE, a temperatura média anual fica entre 19° e 20° C, sendo janeiro o mês mais quente e julho o mês mais frio. A precipitação pluviométrica total anual é de 1.100 à 1.300mm.

GEOLOGIA

A área físico territorial da região do Extremo Sul Catarinense, segundo a AMESC, é composta por seis unidades lito estratigráficas, destas, duas são depósitos sedimentares (sedimentos não consolidados) e quatro são formações geológicas (formação rochosa). Sendo elas:

1 FORMAÇÃO SERRA GERAL

Rochas de origem vulcânica, representadas principalmente por basalto e diabásios.

2 FORMAÇÃO BOTUCATU

Rochas sedimentares, representadas por arenitos eólicos de ambiente desértico.

3 FORMAÇÃO RIO DO RASTO

Rocha de origem sedimentar, constituídas por siltitos, argilitos e arenitos finos. O principal recurso mineral explorado são as argilas, empregadas nas cerâmicas.

4 FORMAÇÃO TEREZINA

Composta por depósitos marinhos, sendo constituídos por rochas sedimentares de granulometria muito fina.

A geologia do município é caracterizada por depósitos sedimentares inconsolidados, da idade Cenozóica, em cerca de 90% do território. Uma pequena porção no norte do município é composta pela formação Serra Geral e a outra pequena porção é composta da Formação Serra Alta no extremo nordeste. Os principais recursos minerais explorados nesta região são o basalto e diabásio (possuem origem nesta formação), utilizados como brita na construção civil e como cascalhos na manutenção de estradas.

De acordo com dados da AMESC (Associação dos Municípios do Extremo Sul Catarinense), Maracajá apresenta bem definida a distribuição de seu solo. Às margens dos rios que limitam o município estão as áreas baixas, de solos férteis, hoje toda sistematizada e destinada ao cultivo de arroz irrigado. As demais áreas com plantio, principalmente de fumo, milho e feijão pós-fumo, são formadas por areias quartzosas.

CONTEXTUALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO

MARACAJÁ / SC

Localizado no extremo sul do estado de Santa Catarina, Maracajá pertence à microrregião da AMESC (Associação dos Municípios do Extremo Sul Catarinense), no qual fazem parte outros 14 municípios: Passo de Torres, Praia Grande, São João do Sul, Santa Rosa do Sul, Balneário Gaivota, Sombrio, Jacinto Machado, Turvo, Ermo, Meleiro, Morro Grande, Timbé do Sul, Araranguá e Balneário Arroio do Silva.

Segundo o último censo do IBGE a população é de 6.404 pessoas, com estimativa de 7.139 pessoas para 2017. Tem área equivalente à 63,4 km² e densidade demográfica de 102,52 hab/km². Maracajá situa-se a uma altitude de 12 metros do nível do mar. Seus municípios limítrofes são: Criciúma e Forquilha (ao norte), Araranguá (ao sul), Meleiro e Forquilha (a oeste), Araranguá e Criciúma (a leste). Maracajá está a 205 quilômetros da capital, Florianópolis.

O município tem grande área de produção agrícola, cuja economia é baseada principalmente no cultivo do fumo, arroz, mandioca, milho e feijão, atividade que ao lado da pecuária ainda hoje é a predominante. A extração de minerais, as indústrias de confecções, o turismo de compras no comércio atacadista às margens da BR-101, as transportadoras e empresas cerâmicas são as demais atividades econômicas.

A preocupação com o uso dos recursos naturais incentivou a criação do Parque Ecológico. Há doze anos a Coleta Seletiva de Resíduos Sólidos está instituída em 95% das residências, bem como a implantação do Centro de Triagem dos Resíduos Sólidos.

Em 2001 foi promulgada a Lei Municipal nº 516 que institui o programa de Educação Ambiental e Qualidade de Vida, que propõe ações práticas de Educação Ambiental para incentivar e despertar o sentimento da população com a problemática ambiental, de acordo com o Portal da Administração Pública.

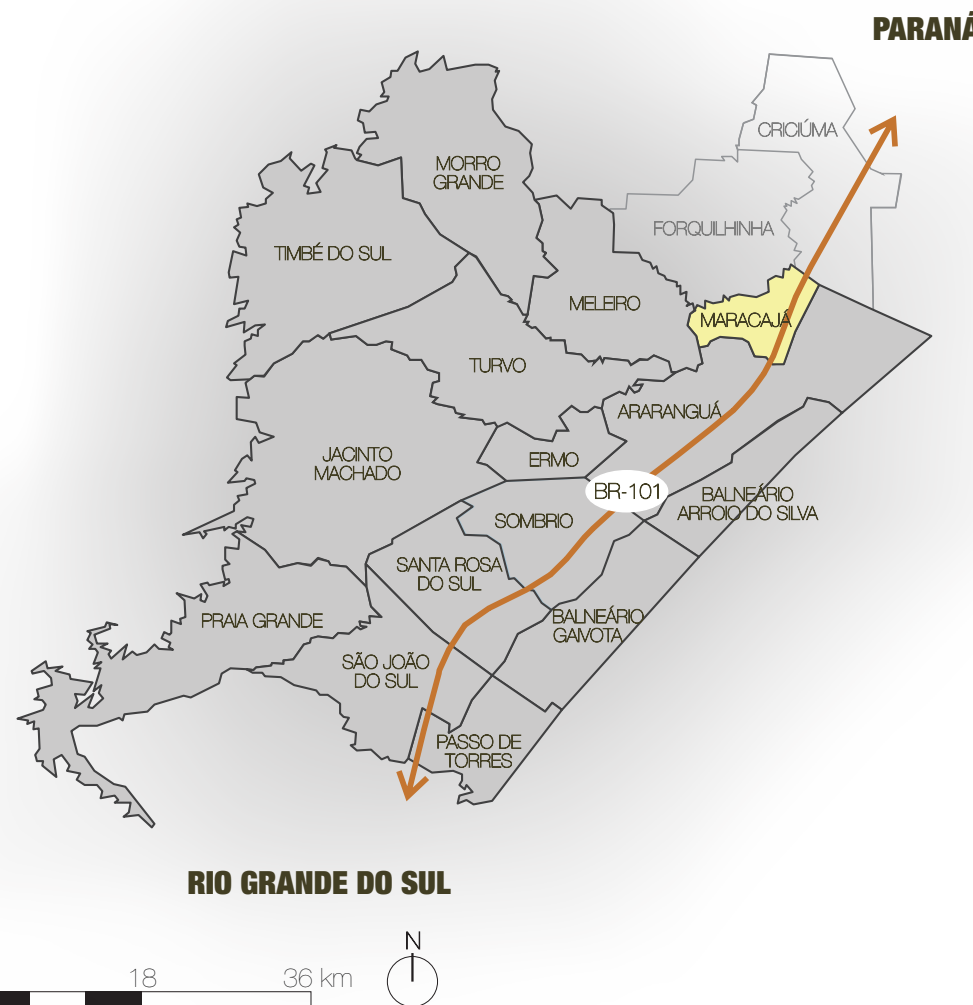


Figura 11: Mapa esquemático da AMESC - Associação dos Municípios do Extremo Sul Catarinense. Fonte: Modificado pela autora (2018)

CONTEXTUALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO

HISTÓRICO

Os primeiros moradores de Maracajá foram os índios, de Tradição Umbu, seguidos dos Xokleng. Maracajá teve sua colonização efetivada com o início da construção do ramal ferroviário que ligava o município de Criciúma a Araranguá por volta da década de 1920. Com a construção dos trilhos, ocorreu a vinda de trabalhadores braçais e feitores de obras, principalmente famílias de origem italiana e açoriana, o que contribuiu para a formação dos primeiros núcleos, quando Maracajá ainda chamava-se Morretes.

O trecho de 35 quilômetros da Ferrovia, percorria os bairros criciumenses Pinheirinho e Sangão, passava pela comunidade Verdinho, chegava à Maracajá e finalmente ao atual Bairro Barranca, em Araranguá. Por um período de três à quatro anos, o trem vinha somente até Morretes. As localidades vizinhas se deslocavam até a estação para levarem seus produtos. Em 1927 foi finalizado o assentamento do restante do trecho Morretes x Araranguá, funcionando como trem de carga.

Em 1930 já existia o tráfego do trem horário no ramal Criciúma x Morretes x Araranguá. É construído uma estação na localidade para abastecimento de mercadorias e subida e descida de passageiros. Existia duas linhas de trem: o trem cargueiro, que transportava produtos alimentícios e madeira e o trem de passageiros (trem horário).

Por volta de 1944 ocorreu a troca do nome Morretes – devido aos morros ao seu redor – por Maracajá, pois já havia outro município com o mesmo nome, no Paraná. Maracajá, em tupi-guarani significa "Gato do Mato", pois existiam muitos desses animais em suas matas.

Na metade da década de 1950 é construída a Igreja Nossa Senhora da Conceição, atual Paróquia do município. No dia 12 de maio de 1967, Maracajá deixa de ser distrito de Araranguá e torna-se município.



Em 1968 foram retirados os trilhos da Ferrovia Dona Tereza Cristina em Maracajá. A ferrovia é desativada em virtude do desenvolvimento do transporte rodoviário, e do desuso do ferroviário.

A década de 1970 é marcada pelo "milagre brasileiro", onde o País passou por significativo crescimento econômico e industrial. Sob regime dos militares, foi implantada a rodovia BR-101, que ligaria o sul ao nordeste brasileiro pelo litoral.

Com a implantação da BR-101 e a desativação da ferrovia, cria-se a primeira Avenida do município, a Avenida Nossa Senhora da Conceição, que ligaria aqueles primeiros núcleos estabelecidos às margens da ferrovia até a BR-101.

Na metade da década de 1970 inicia-se a atividade mineradora no município. A extração de basalto no Morro Maracajá foi, desde então, uma das matérias primas para o desenvolvimento, principalmente de municípios vizinhos.

Em 1990 foi criado o Parque Ecológico de Maracajá, com o objetivo de preservar um importante remanescente de Mata Atlântica. Situado às margens da BR 101, ao longo do Km 403, o parque apresenta cerca de 110 ha de vegetação, com predominância de Floresta Ombrófila Densa de Terras Baixas, estando circundado por plantações de arroz e limitado a sudeste pela rodovia BR 101.

Possui infraestrutura receptiva, com trilhas suspensas, horto florestal, ponte pênsil, churrasqueiras, restaurantes, centro de eventos e sedia ainda o 10º Pelotão da Polícia Ambiental.

O parque recebe muitos visitantes da região. Atualmente é considerado Patrimônio Natural do Sul Catarinense e um dos integrantes do ecoturismo Caminho dos Canyons.

CONTEXTUALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO

TRANSFORMAÇÃO URBANA

Tendo em vista a implantação da BR-101 na década de 70 e a desativação da Ferrovia Tereza Cristina em 1968, os primeiros núcleos - formados por residências, comércios, pela praça e Igreja - estabelecidos próximos aos trilhos e ao Rio Mãe Luzia, demandavam uma via de ligação com a BR 101, que seria possível através de um eixo perpendicular. Sendo assim, foi implantada a principal Avenida do município.



Figura 16: Mapa esquemático identificando condicionantes de expansão urbana
Fonte: Elaborado pela autora.

Esta ligação originou novos núcleos comerciais ao longo da Avenida e que seguem até às margens da BR 101, onde predominam as indústrias. Entretanto, esta expansão acontece muito mais na direção perpendicular à BR 101 do que paralelamente à ela, como é o caso das cidades próximas.

A BR 101 é o eixo dinâmico da cidade, foi ela que induziu a expansão urbana a partir da primeira centralidade do município, originando novos núcleos.

Com a duplicação da BR-101, o processo de consolidação de bairros como Vila Beatriz e São Cristóvão, tornou-se ainda mais expressivo, à medida que cada um apresentava novas demandas de

equipamentos e, conseqüentemente, uma interdependência entre si, pois a BR quando duplicada, tornou-se uma barreira, à medida que substituíram-se as rótulas simples por viadutos elevados.

Dentre as atividades econômicas desenvolvidas ao longo da história de Maracajá, a extração de minerais, como basalto e diabásio, acompanhou este processo até mesmo antes do desenvolvimento da cidade. Segundo relatos do trabalhador deste ramo de atividade José Gadonski, em entrevista à Revista W3, ele aponta que as pedreiras existem em Maracajá muito antes da cidade se desenvolver e que sem elas a região não teria matéria prima suficiente para infraestrutura.



Figura 17: Mapa esquemático do município
Fonte: Plano Diretor Municipal. Modificado pela autora.

- Perímetro municipal
- Perímetro urbano
- Centro histórico
- Localização recorte
- Parque Ecológico
- BR 101

CONTEXTUALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO

TRANSFORMAÇÃO URBANA



Os esquemas abaixo demonstram como aconteceu o crescimento urbano de algumas cidades cortadas pela BR 101. Em cidades como Santa Rosa do Sul/SC (esquema a), Araranguá/SC (esquema b), Sombrio/RS (esquema c), a expansão urbana ocorre paralela às margens da Rodovia e tende a crescer a partir deste eixo. Em Maracajá/SC (esquema d) o processo de expansão ocorre de forma diferente, basicamente perpendicular à Rodovia.



Figura 18

Esquema a: Santa Rosa do Sul/SC

Fonte: A autora

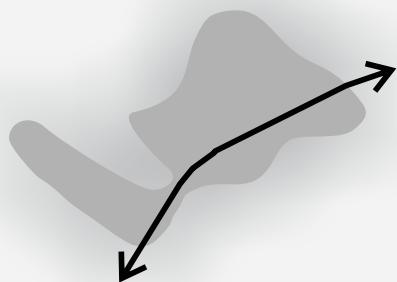


Figura 19

Esquema c: Sombrio/SC

Fonte: A autora



Figura 20

Esquema b: Araranguá/SC

Fonte: A autora

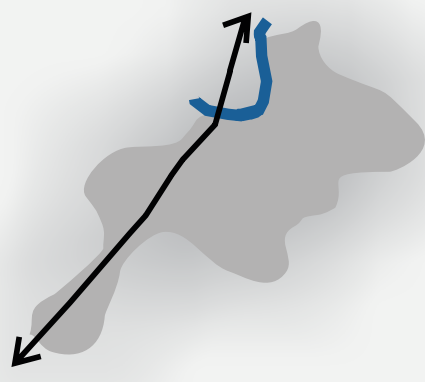


Figura 21

Esquema d: Maracajá/SC

Fonte: A autora

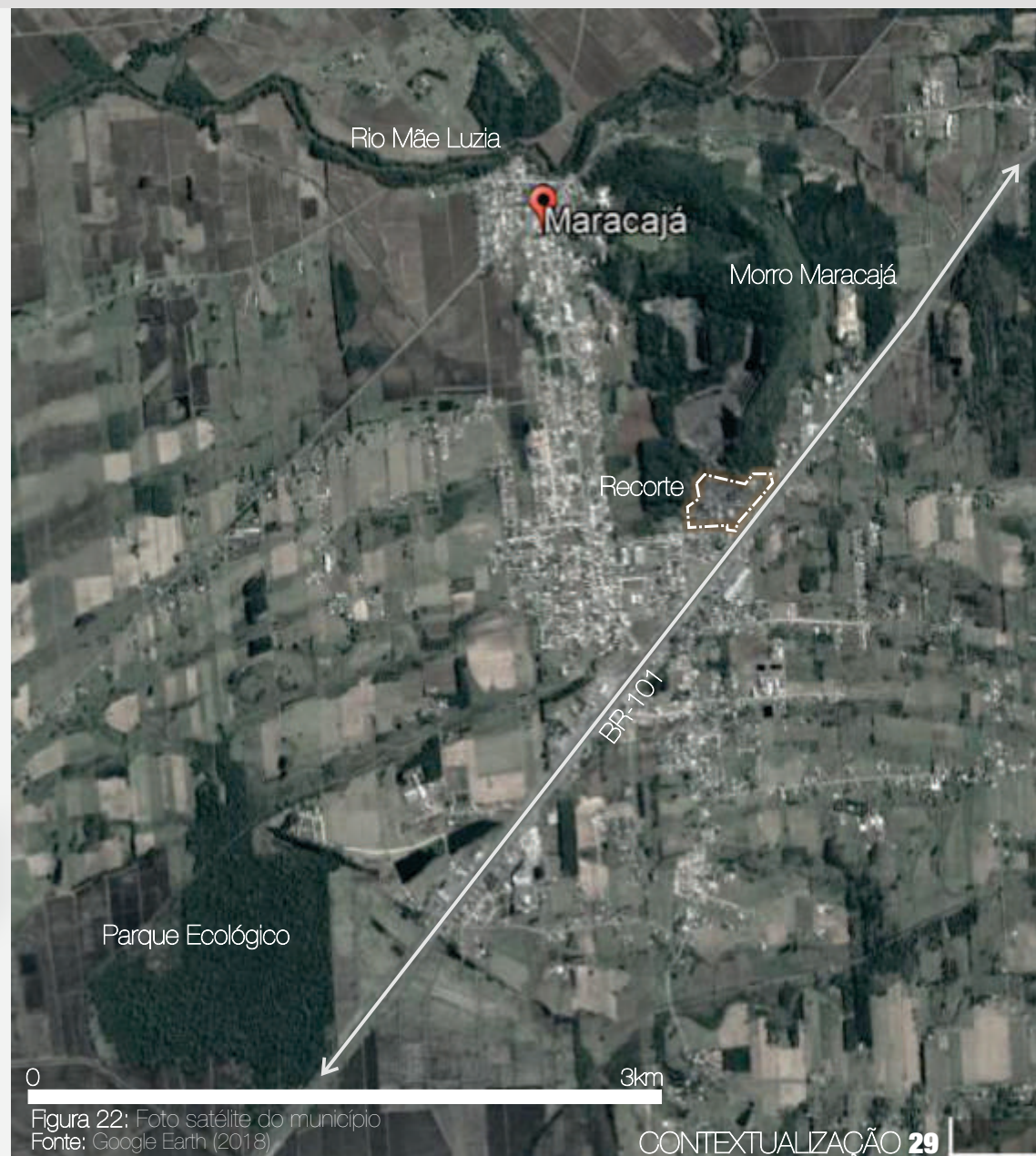


Figura 22: Foto satélite do município
Fonte: Google Earth (2018)

CONTEXTUALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO

BAIRROS PERÍMETRO URBANO E HIERARQUIA DE VIAS

Dos 7 bairros que compõem o perímetro urbano, o maior deles é o bairro Vila Beatriz, no acesso sul da cidade. O segundo maior bairro é o São Cristóvão.

Vila Beatriz possui equipamentos que atendem à toda comunidade, como o CRAS (Centro de Referência à Assistência Social), um Centro de Ensino Infantil, uma escola de ensino fundamental estadual, além de uma praça que é o principal ponto de encontro dos moradores eventualmente. Além disso, é onde localiza-se o recorte deste trabalho.

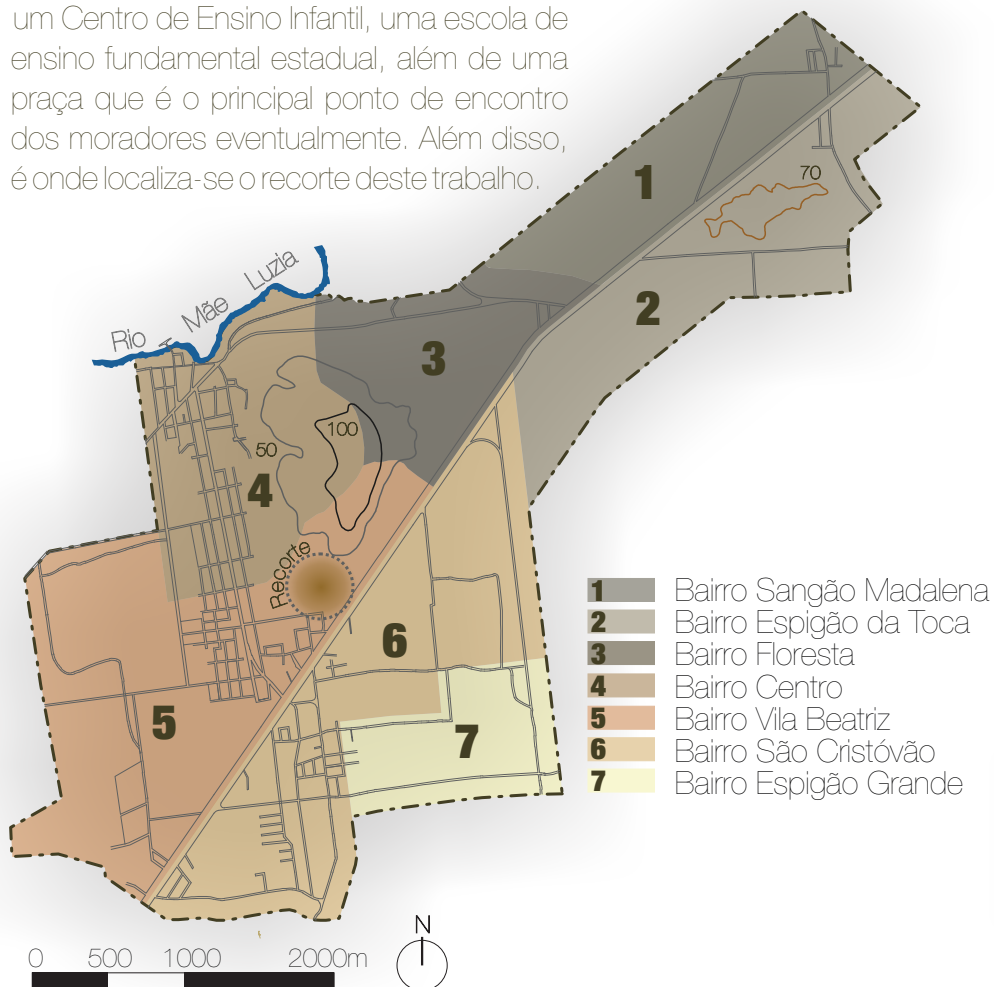


Figura 23: Disposição dos bairros no perímetro urbano
Fonte: Plano Diretor Municipal. Modificado pela autora.

Desde sua implantação, a BR-101 induziu a expansão da cidade, ainda que no sentido perpendicular à rodovia. A consolidação de suas margens é principalmente de uso industrial e de comércio e serviços. Sendo assim, ela representa um eixo dinâmico para a cidade.

O acesso à cidade acontece através de acessos laterais ao longo da BR-101, desde que a mesma foi duplicada e elevada por viadutos.

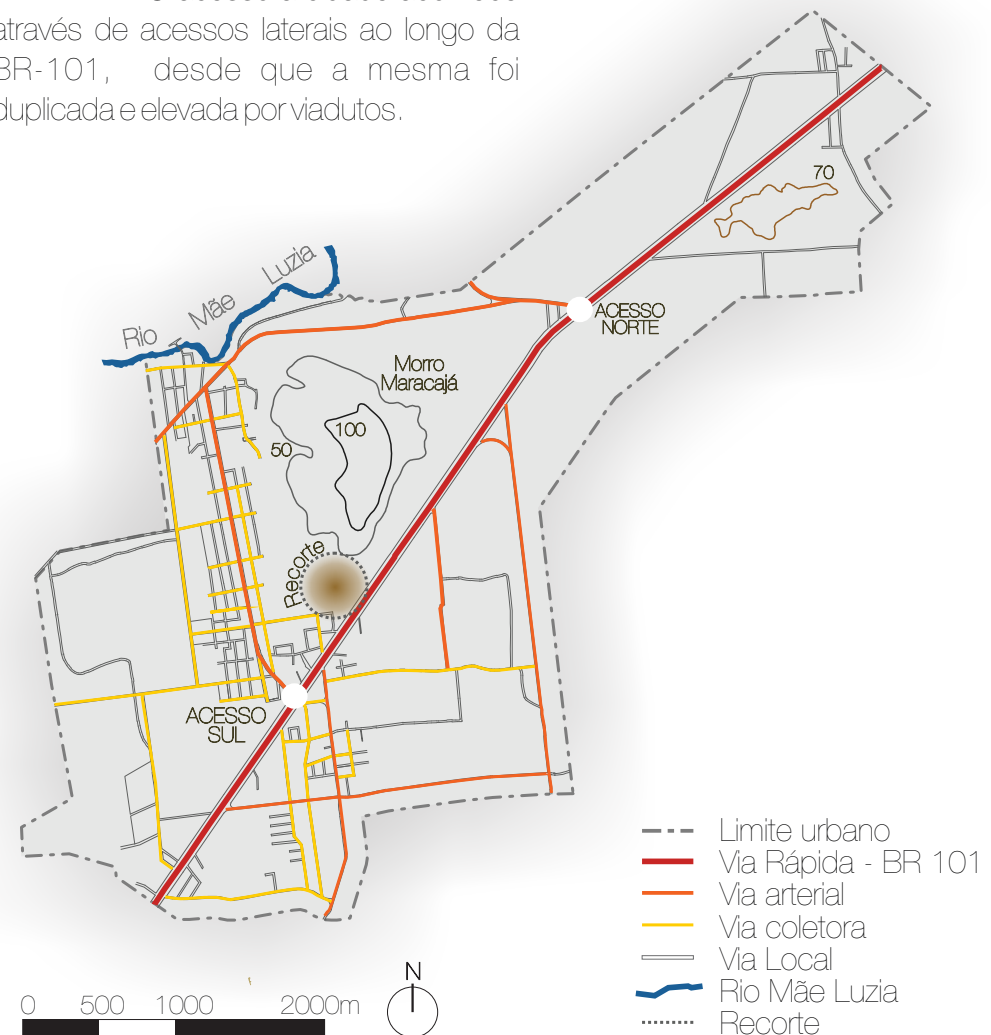


Figura 24: Hierarquia viária do perímetro urbano
Fonte: Plano Diretor Municipal. Modificado pela autora.

CONTEXTUALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO

RAIOS DE ABRANGÊNCIA DE INSTITUIÇÕES DE ENSINO

Ensino médio e técnico - Raio abrangência: 750m
1 EEB Manoel Gomes Baltazar

Ensino fundamental - Raio abrangência: 500m
2 EEB Nivaldo José Rosa
3 EEB Eufrázio Avelino Rocha
4 EEB Encruzo do Barro Vermelho

Ensino infantil - Raio abrangência: 250m
5 CEI Margareth Maria Tomasi Rocha

O esquema mostra o atendimento educacional no perímetro urbano e seus respectivos raios de abrangência, sendo 750 metros de abrangência para escolas de ensino médio e técnico, 500 metros de abrangência para escolas de ensino fundamental e 250 metros de abrangência para as creches de ensino infantil.

Segundo o IBGE (2015) Maracajá teve 1.373 matrículas, distribuídas em 162 no ensino infantil, 983 no ensino fundamental e 228 no ensino médio, conforme demonstra o gráfico abaixo.

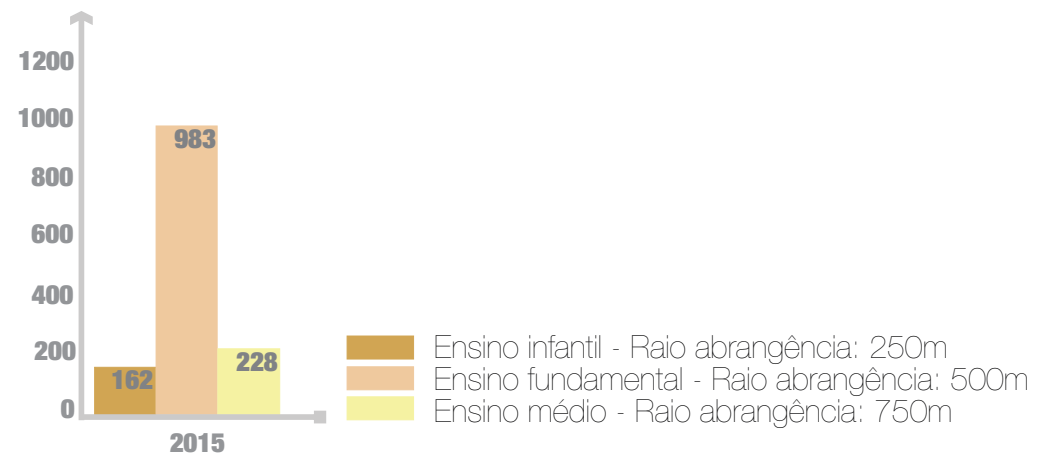


Figura 26: Gráfico de matrículas nas redes de ensino do município
 Fonte: IBGE (2015). Modificado pela autora (2018)

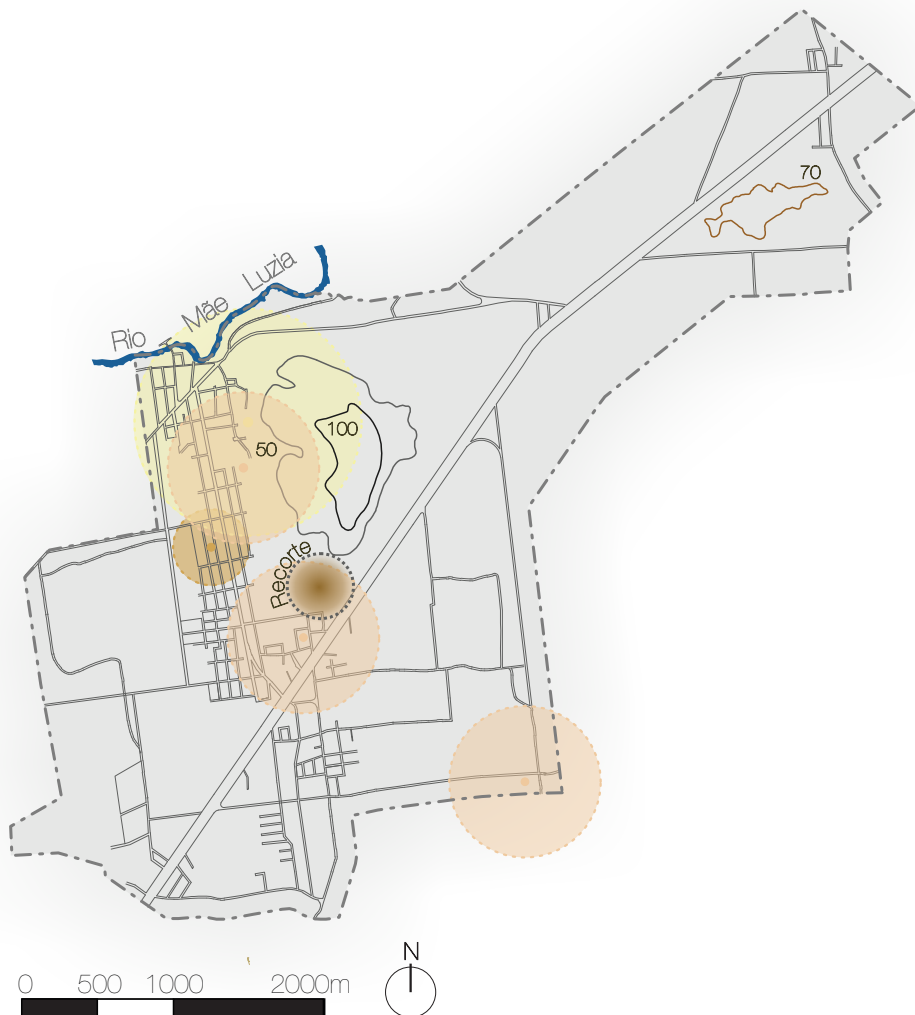


Figura 25: Raios de abrangência das escolas do município
 Fonte: Plano Diretor Municipal. Modificado pela autora.

CARACTERIZAÇÃO DO RECORTE

A EXTRAÇÃO DE BASALTO NO MUNICÍPIO

Do ponto de vista socioeconômico, a atividade econômica da mineração é uma fonte de geração de emprego e renda. A brita, produto final do basalto, é utilizada na pavimentação de estradas e na construção civil da região. Do ponto de vista ambiental, um morro retrata um marco visual na paisagem, uma barreira física natural de proteção contra ventos indesejados e pode ainda ajudar no microclima da cidade, com sua cobertura vegetal.

O processo de extração de basalto proporciona uma desfiguração do terreno e da paisagem como um todo. De acordo com o Decreto Federal 97.632/89, degradação ambiental é definida como o aglomerado de "processos resultantes de danos ao meio ambiente, pelos quais se perdem ou se reduzem algumas de suas propriedades, tais como, a qualidade ou capacidade produtiva dos recursos ambientais".

No Morro Maracajá, o maior volume de lavra ocorre no miolo do morro, isto é, dependendo do ângulo em que o observamos, ele pode aparentar intocado e coberto ainda com vegetação nativa (ao norte).

Pode-se ter esta impressão justamente porque o processo acontece de dentro para fora, neste caso. Quem trafega pela BR-101 sentido sul/norte, tem outra percepção da paisagem do morro e entorno. Deste lado já é possível perceber a degradação de parte da encosta do morro, por onde as máquinas têm acesso à área de lavra, citada anteriormente.

Desta forma, a degradação visual da paisagem é parcialmente nítida no morro e entorno, pois depende do ponto de observação.

Os moradores que residem próximos ao morro, tendem a sentir mais os impactos sonoros e patológicos, como a propagação de vibrações no solo, a poeira oriunda de detonações por dinamites e conseqüentemente, a supressão de áreas verdes nativas.

De acordo com levantamento realizado pela Prefeitura Municipal, a cobertura vegetal natural do Morro corresponde à vegetação arbórea em sua maior parte, classificada como um grupo de espécies constituídas por árvores de grande porte, presentes principalmente nas florestas e matas.

Figura 27: Morro Maracajá
Fonte: Google Earth (2018)

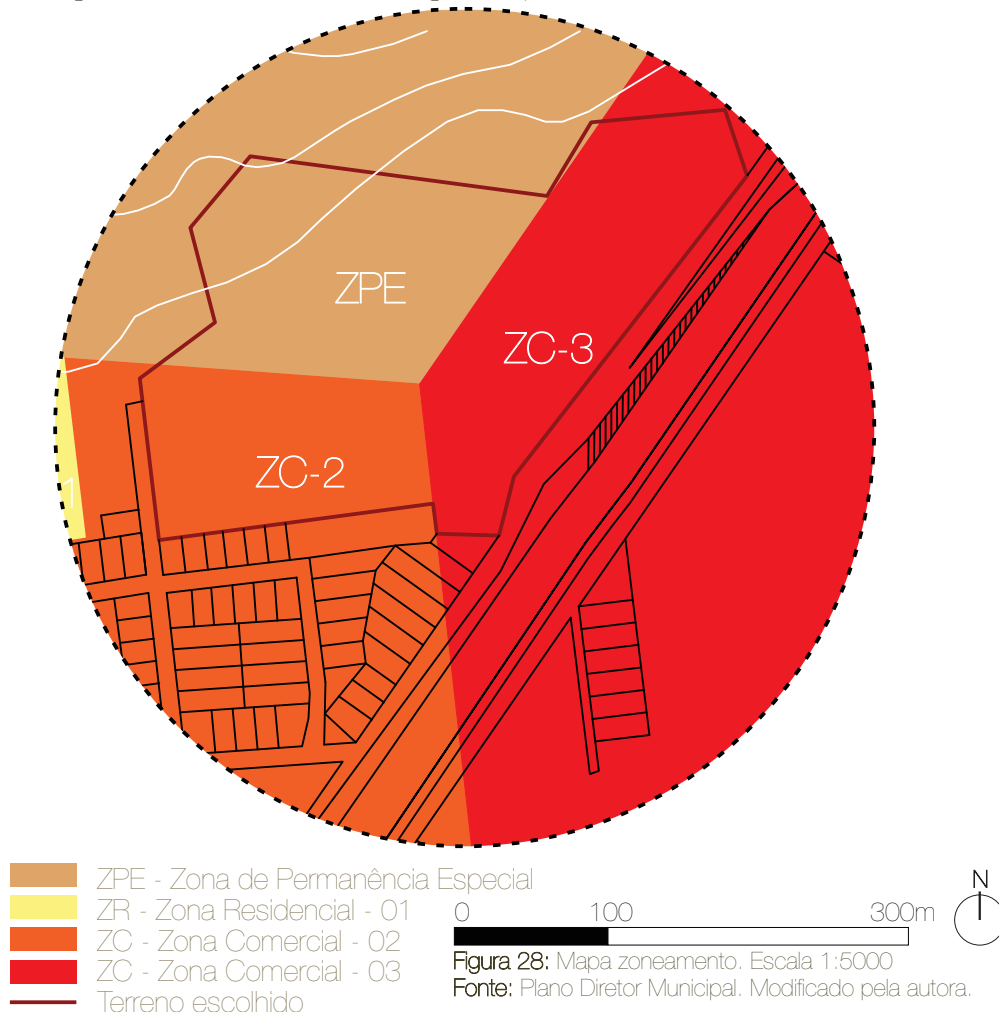


Google Earth

ANÁLISES DO RECORTE

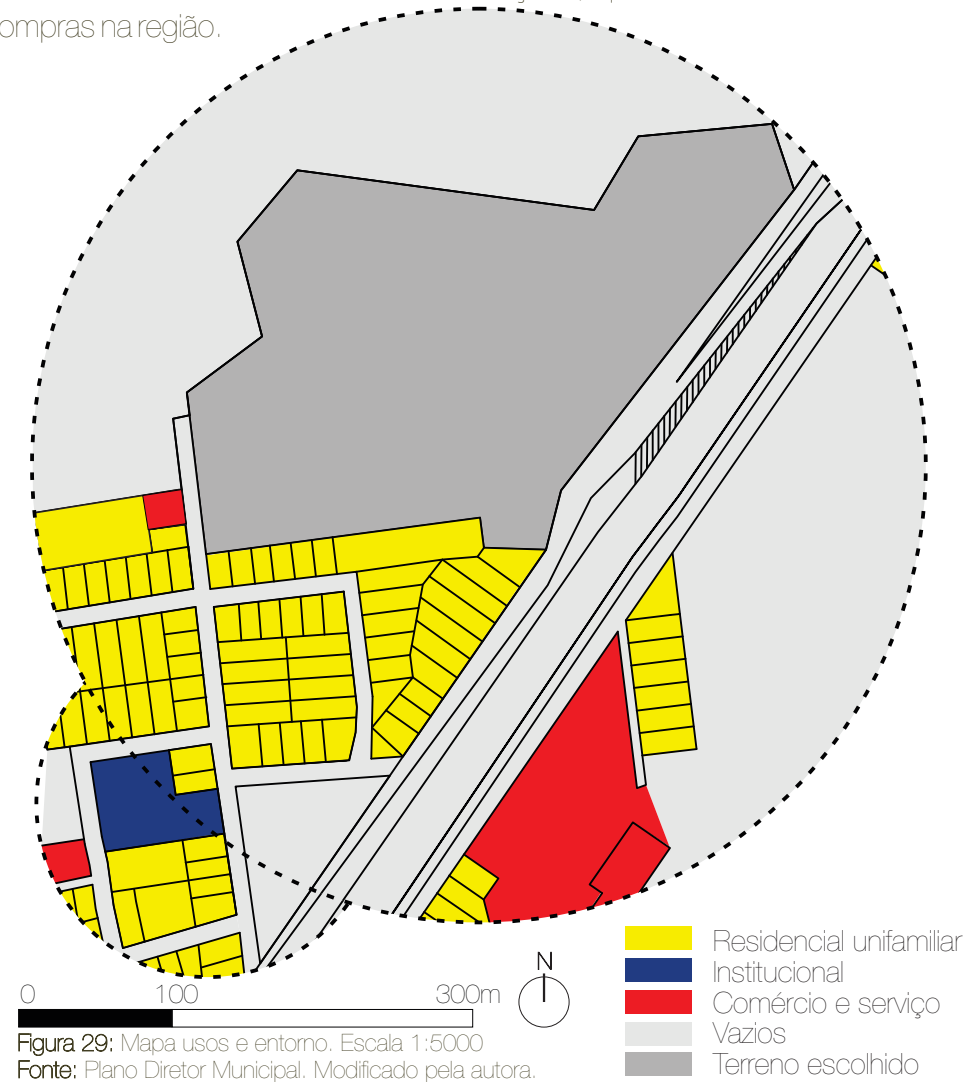
ZONEAMENTO

Analisando o zoneamento proposto para o recorte, percebe-se as seguintes classes: ZPE, ZC-2 e ZC-3. A implantação do equipamento levará em conta a ZPE - Zona de Permanência Especial, que institui o Plano Diretor usos institucional, cultural e de lazer, comunitário e tecnológico. Essa classe do zoneamento tem ainda como permissíveis os usos institucional assistencial, comunitário tecnológico, comunitário religioso associativo, industrial agrossilvipastoril e industrial minerador.



USOS E ENTORNO

Através da análise de usos e entorno do recorte, fica evidente a consolidação de uma área mais residencial, com uma escola pública de ensino fundamental próxima ao recorte, o que representa uma potencialidade para o equipamento que será proposto. Às margens da BR-101 no sentido oposto, tem-se o comércio atacadista de confecções, que movimenta o turismo de compras na região.



ANÁLISES DO RECORTE

MOBILIDADE E HIERARQUIA DE VIAS

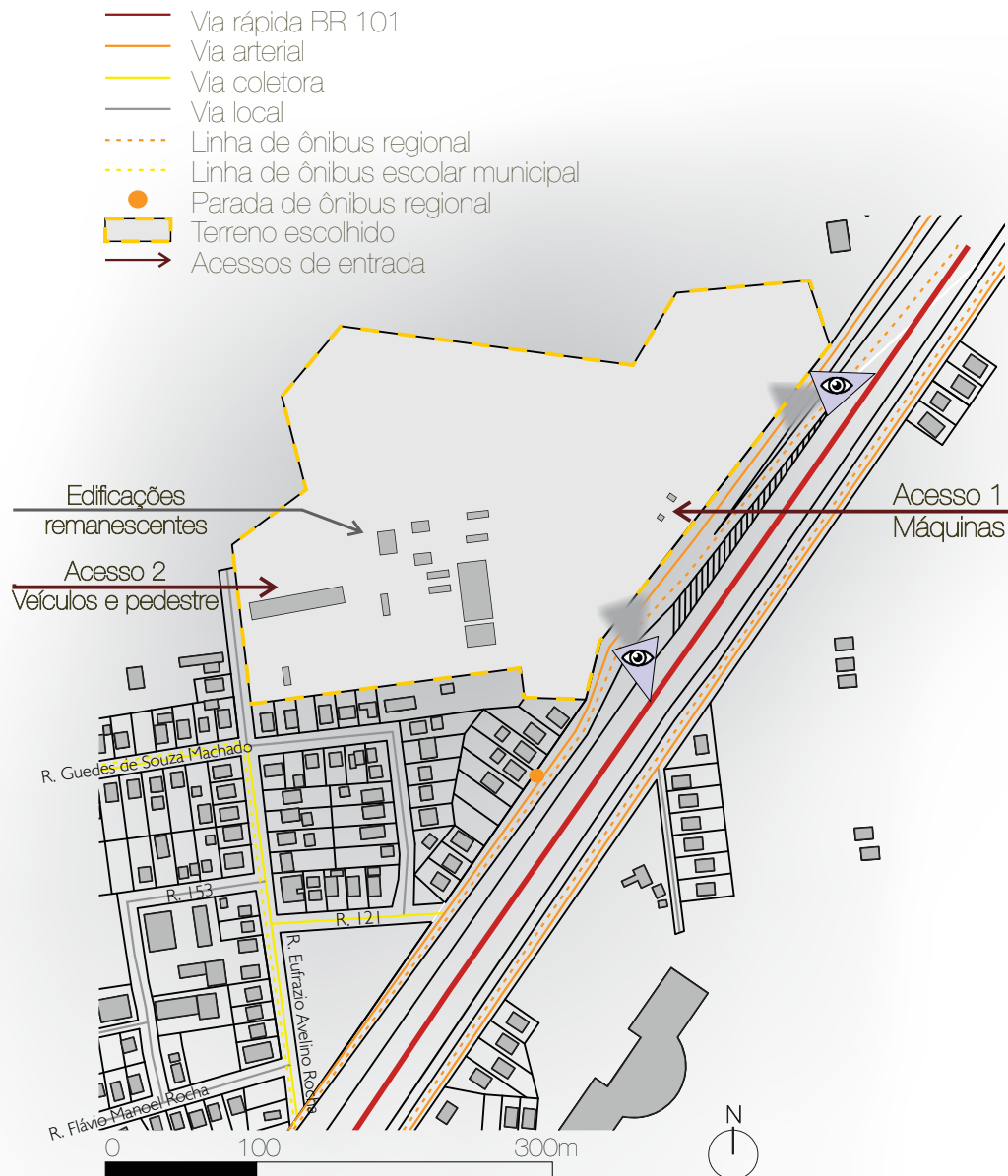


Figura 30: Mapa hierarquia de vias e mobilidade. Escala 1:5000

Fonte: Plano Diretor Municipal. Modificado pela autora.

A rodovia BR-101 é a principal via do recorte, ainda que indiretamente. Quem trafega pela BR-101, utiliza das vias laterais para chegar a Maracajá. Considerando que se utilizam destes acessos laterais (vias de caráter arterial) para entrar na cidade e que um destes acessos fica em frente ao terreno escolhido, pode-se considerar que ele representa o cartão de visitas do acesso sul da cidade.

Quem trafega no outro sentido da pista BR-101, tem uma visão mais panorâmica do Morro Maracajá e, conseqüentemente, das atividades mineradoras que acontecem ali.

O terreno escolhido possui dois acessos, de máquinas e caminhões e um acesso de pedestres pela Rua Eufrazio Avelino Rocha. Nesta mesma rua, passa o transporte escolar municipal, que atende a E.E.B Eufrazio Avelino Rocha, localizada nesta mesma via, de caráter coletora.

O transporte intermunicipal passa pela via de acesso lateral da BR-101 e segue para a cidade de Araranguá, fazendo as devidas paradas em seus pontos. Há uma parada desta linha de ônibus próxima ao recorte, conforme identificado no mapa à esquerda.

O RECORTE



A área de lavra **1** é uma área de extração por outra empresa mineradora, com acesso mais restrito e ocupando uma área de pátio de máquinas aparentemente menor que a área em estudo.

A área de lavra **2** é onde acontece a extração de basalto pela empresa que atua no terreno escolhido para intervenção.

O pátio de máquinas **3** corresponde ao terreno escolhido, tem aproximadamente 70.650,00m² e representa a escala local de intervenção deste trabalho, onde será trabalhado o conceito de reabilitação em áreas degradadas, ou seja, dar um novo uso ao solo, permissível conforme zoneamento estabelecido em Plano Diretor.

*Medidas aproximadas.



Figura 31: Áreas de lavra no Morro Maracajá
Fonte: Google Earth (2018)

O RECORTE

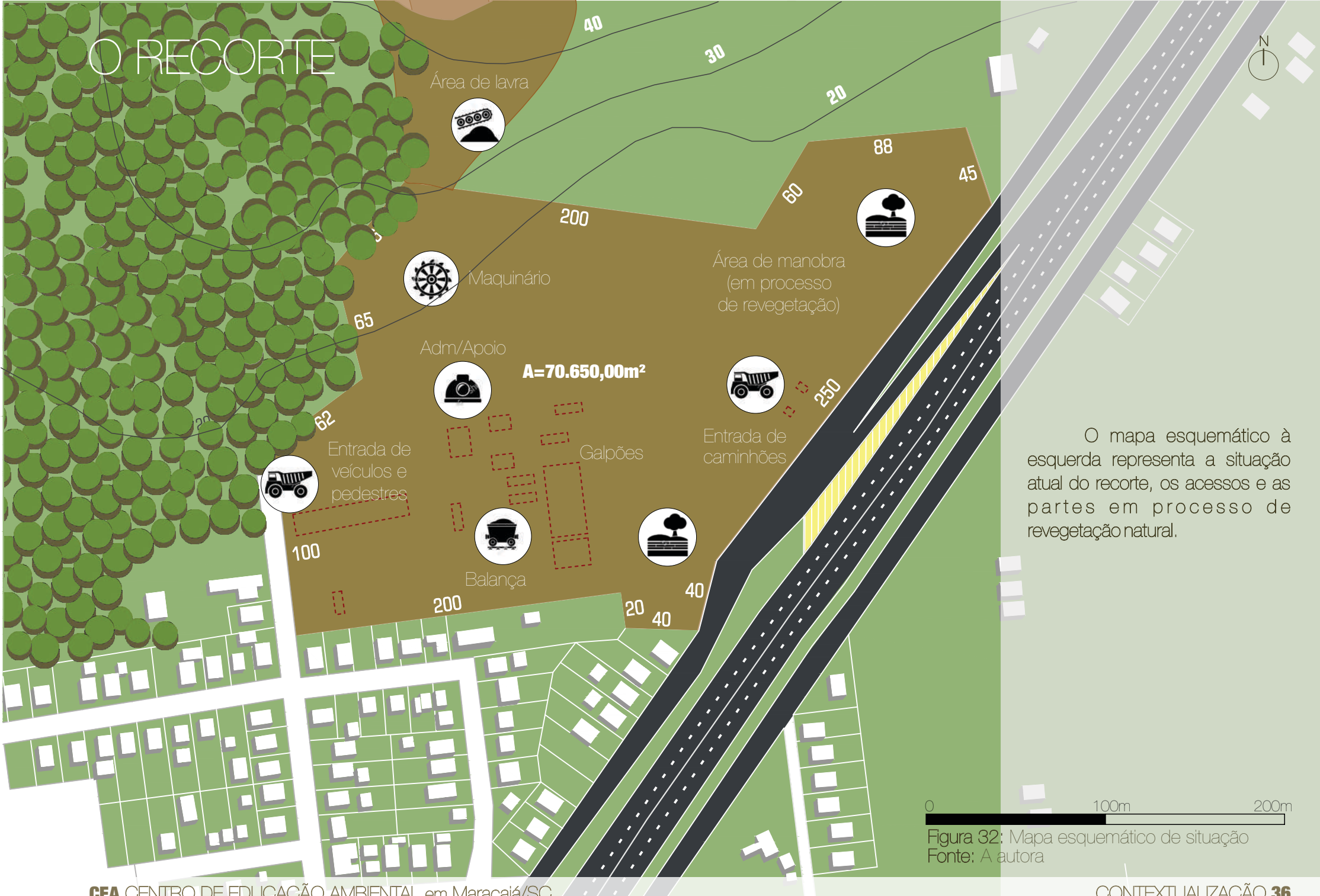


Figura 32: Mapa esquemático de situação
Fonte: A autora

O RECORTE



Área lavrada

Figura: Morro Maracajá visto da BR-101
Fonte: Google Earth

Figura: Acesso de pedestres e veículos pela R. Eufrazio Avelino Rocha. Fonte: Acervo pessoal



Figura: Galpões da empresa
Fonte: Acervo pessoal



The background of the slide is a light beige color with a pattern of thin, wavy, brown lines that resemble topographic map contour lines. On the left side, there is a large, bold, brown number '4'. A horizontal, semi-transparent grey band runs across the middle of the slide, containing the main title text.

REFERENCIAIS ARQUITETÔNICOS

BUTCHART GARDENS

BRENTWOOD BAY, COLÚMBIA BRITÂNICA, CANADÁ

Tudo começou em 1904, quando Robert e Jennie Butchart mudaram-se para a ilha de Vancouver em nome de ricos depósitos de calcário. Com uma pedreira em seu quintal, construíram uma fábrica de cimento em Tod Inlet.

Em 1912, a produção de cimento esgotou os depósitos de calcário, então Jennie imaginou um grande jardim em seu lugar e começou a transferir o solo de cima de cavalo e carroça. Pouco a pouco, a pedreira floresceu o "Jardim Afundado" de hoje.

Entre 1906 e 1929, os Butcharts expandiram os Jardins, projetando o Jardim Japonês, o Jardim Italiano e o Jardim das Rosas.

Em 1939, o neto Ian Ross transformou o espaço na atração mundialmente famosa que é hoje, adicionando concertos ao ar livre e iluminação noturna nos verões e a magia do Natal nos invernos.

A partir de 1977, o bisneto Christopher começou a produzir show de fogos de artifício coreografados a cada ano. Em 2009, sua irmã e atual proprietária do The Gardens, Robin acrescentou o Pavilhão das Crianças e o Carrossel Menagerie.

Hoje, o Butchart Gardens é um sítio histórico nacional do Canadá. É possível encontrar remanescentes da fábrica de cimento original e mais de um milhão de plantas em mais de 900 variedades em seus 55 acres de jardim, 26 estufas, 50 jardineiros em tempo integral e mais de um milhão de visitantes por ano.



BUTCHART GARDENS

BRENTWOOD BAY, COLÚMBIA BRITÂNICA
CANADÁ



Imagem 39: Jardim afundado
Fonte: Google Imagens



Figura 38: Entrada do Butchart Gardens
Fonte: <https://www.butchartgardens.com/>

A identificação com este projeto veio da ideia primordial do projeto, de converter uma pedreira em um espaço botânico, que com o passar do tempo fosse reconstituindo seu habitat, à medida que re florescem seus jardins.

O Butchart Gardens é um bom exemplo de projeto paisagístico à longo prazo, que ano a ano foi transformando a paisagem calcária em um oásis exuberante e colorido.



Imagem 40: Escadaria
Fonte: <https://www.butchartgardens.com/>

PARQUE DAS PEDREIRAS

CURITIBA / PR, BRASIL

Localizada no Bairro Pilarzinho, em Curitiba, a antiga pedreira municipal transformou-se em espaço cultural em 24 de agosto de 1989. Onde antigamente se extraia pedra e pó de brita para pavimentar a cidade, está hoje o espaço cultural Paulo Leminski e a Ópera de Arame, formando o Parque das Pedreiras.



Figura 42: Ópera de Arame. Curitiba, 1998
Foto: Ricardo Almeida

A Ópera de Arame é um teatro com capacidade para 2.400 espectadores, construído em estrutura tubular e teto transparente. A Pedreira Paulo Leminski ocupa uma área ao ar livre de 110 mil m², com capacidade para 26 mil pessoas.

O espaço é dotado de infra-estrutura para a realização de grandes shows com um palco fixo com 480 m², camarins, sanitários, bilheterias, lanchonetes, além uma excelente acústica proporcionada por um paredão de rocha maciça com mais de 30 m de altura.



Figura 41: Espaço de shows, Pedreira Paulo Leminski
Foto: Guia de Tudo

Este projeto representa um referencial também a nível conceitual, onde a reabilitação foi o principal método utilizado para reverter em cultura a antiga área de exploração, que hoje atrai muitos visitantes.



Figura 43: Panorâmica da Pedreira Paulo Leminski
Foto: Fronteira Online

CENTRO DE VISITANTES DO JARDIM BOTÂNICO DE NAPLES

BAYSHORE Dr, NAPLES, EUA

Lake | Flato Architects

O Centro de Visitantes do Jardim Botânico da cidade de Naples é situado com delicadeza num jardim botânico de 160 acres.

O Centro contém 1300 m² de espaço interior para a venda de entradas, souvenirs, salas expositivas e uma lanchonete, e com 1468 m² de áreas exteriores. Toda a circulação exterior está delimitada por espaços de reunião contidos, o centro encontra-se imerso entre os habitats naturais restaurado e "jardins com latitude" - jardins com uma exuberante vegetação das sete regiões tropicais que demonstram a diversidade do habitat.

O centro de visitantes segue um legado de conservação mediante a associação com o ecossistema local numa maneira ambientalmente responsável. Pavilhões feitos à mão de madeira de cipreste, local e duradoura, entrelaçam-se aos jardins e coleções de plantas para criar uma experiência imersiva e atrativa para os visitantes e pesquisadores.

A coluna vertebral do jardim, um corredor de plantas aquáticas, o "rio de grama", é um rasgo característico da paisagem, que filtra as águas pluviais ao centro do jardim. Contenção pluvial.

Figura 44: Implantação
Fonte: Archdaily

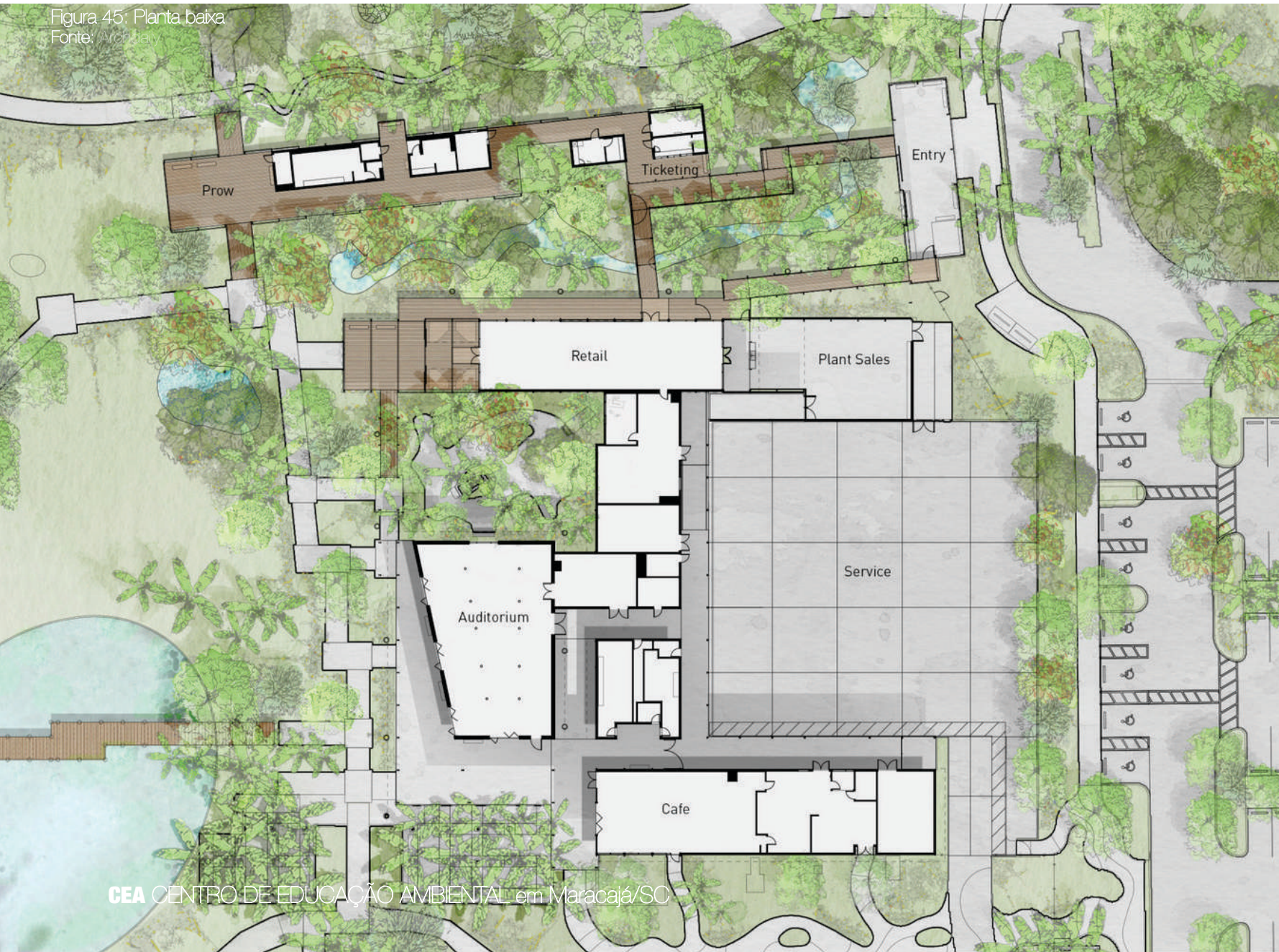


CENTRO DE VISITANTES DO JARDIM BOTÂNICO DE NAPLES

BAYSHORE Dr, NAPLES, EUA

Lake | Flato Architects

Figura 45: Planta baixa
Fonte: ArchDaily



A identificação com este projeto deu-se pela implantação, através de percursos e paradas estratégicas a arquitetura se integra ao meio inserido através da materialidade.

Ainda que não seja um Centro Educativo, a identificação com o projeto deu-se por alguns ambientes do programa, como a Loja de Sementes, o auditório, o café aberto ao público.

O paisagismo integrado à arquitetura, rodeada por percursos, reforça a ideia de visitação do lugar, podendo assim, proporcionar diferentes tipos de jardins e espécies pelo caminho.

Figura 46: Integração | perspectivas | permeabilidade

Foto: © Lara Swimmer



Figura 47: Café | atendimento aberto ao público

Foto: © Lara Swimmer



CEA CENTRO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL em Maracajá/SC

Figura 48: Conforto ambiental | elemento ar=ventilação

Foto: © Lara Swimmer



O uso de materiais locais, e a forma como através da madeira em ripas é utilizada, revela a permeabilidade visual almejada, entre o construído e o natural.

CENTRO DE VISITANTES DO PARQUE SWEETWATER

GEORGIA, EUA

Gerding Collaborative

Projetado por Gerding Collaborative, o Centro de Visitantes localizado no Parque Sweetwater Creek State, na Georgia, Estados Unidos, surgiu com a necessidade de proteção e preservação do Parque, de forma que fosse o ponto de partida para a educação ambiental no local.

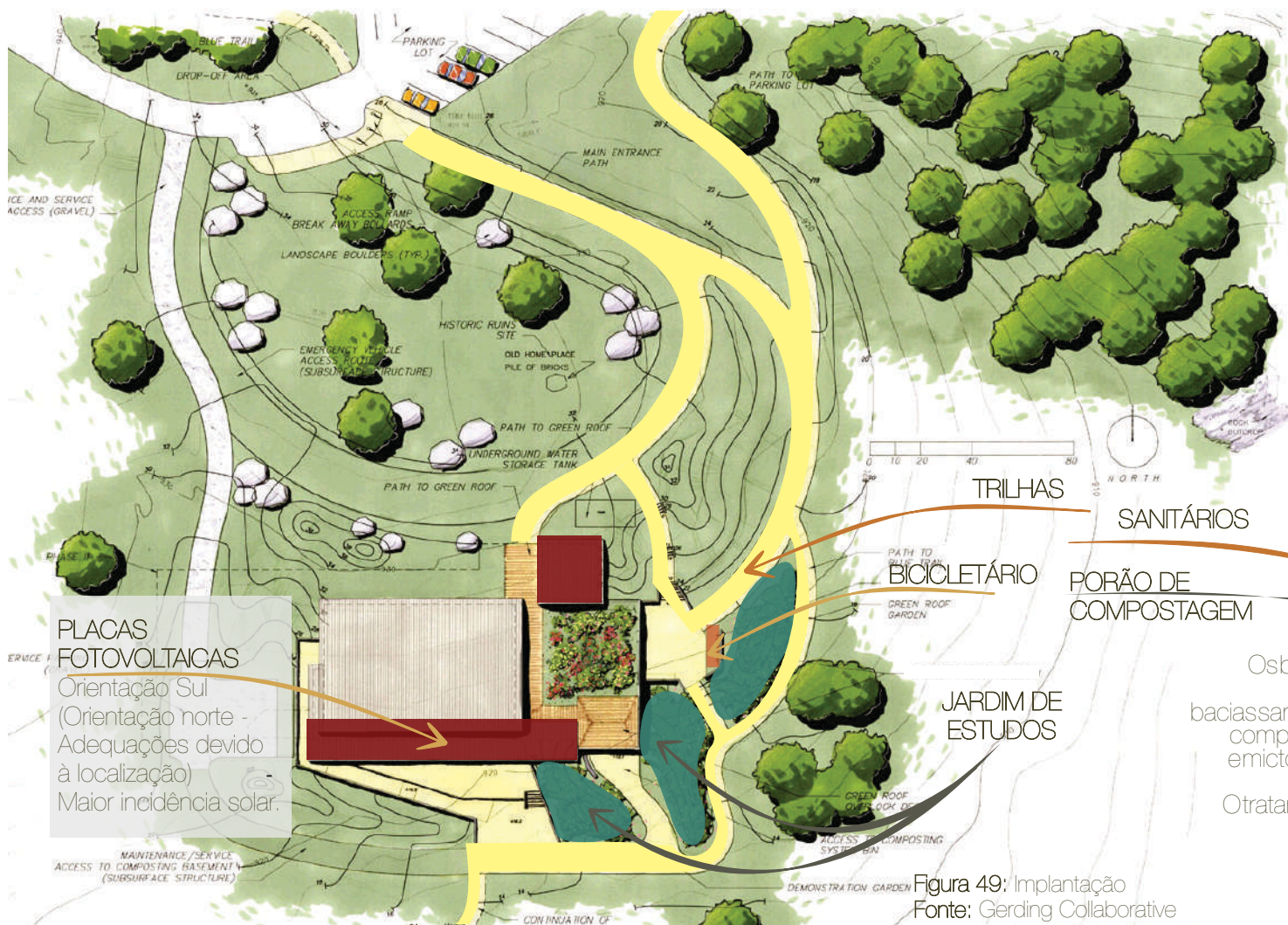


Figura 49: Implantação
Fonte: Gerding Collaborative

Figura 50: Entrada do Centro de Visitantes



Figura 51: Cobertura verde - Centro de Visitantes



Figura 52: Centro de Visitantes - Sanitários



Fonte: Gerding Collaborative

CENTRO DE VISITANTES DO PARQUE SWEETWATER

GEORGIA, EUA

Gerding Collaborative

A identificação com este referencial deu-se pelos diversos elementos de educação ambiental oferecidos aos visitantes no Parque.

As imagens mostram algumas técnicas construtivas utilizadas, servindo de referência aos visitantes. Para facilitar a observação dos usuários, optaram pela integração do edifício ao entorno, tornando acessível a visita à cobertura verde e ao sistema de placas fotovoltaicas, que produz 20% da eletricidade da edificação.

Figura 53: Centro de Visitantes



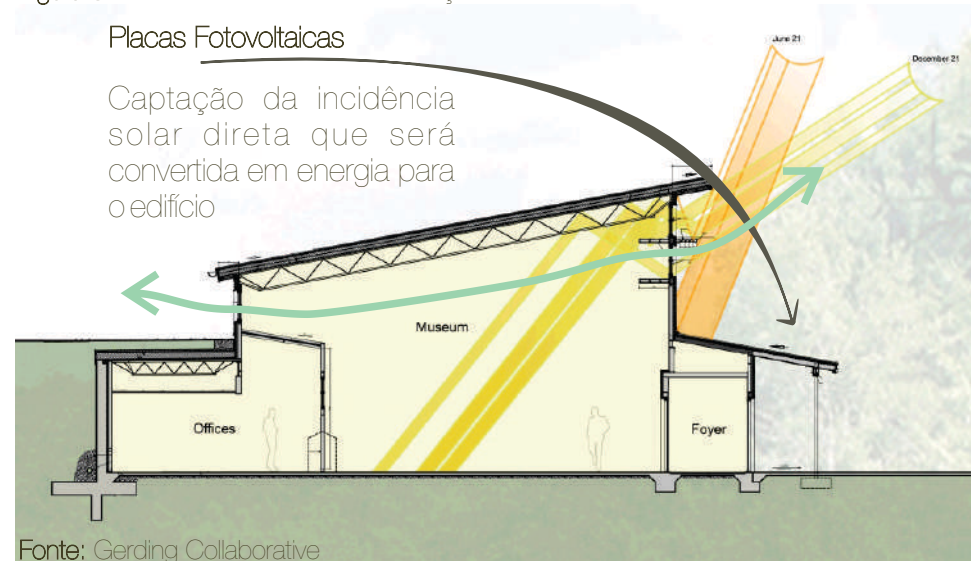
Fonte: Gerding Collaborative

O controle da iluminação foi outro ponto explorado, permitindo que o sol aqueça o edifício no inverno, enquanto no verão consiga barrar boa parte do calor direto.

A sobreposição das formas/ coberturas, é outra barreira, porém permite a passagem de luz e ar.

Foram contempladas a coleta de água da chuva, materialidade local, bicicletário, recarga de carros e redução dos resíduos.

Figura 54: Centro de Visitantes - Iluminação Natural



Fonte: Gerding Collaborative

CONTROLE DA ILUMINAÇÃO

Utilização de rebatedores para redirecionar e otimizar a iluminação.

ÁREA DE INTERVENÇÃO X EDIFICAÇÃO

O projeto proposto, minimiza o impacto visual e busca a integração com o entorno.